

INFORME MENSAL

A.H.J.B

Ano 4	Maio de 2012	Nº 30
Edição do Arquivo Histórico Judaico Brasileiro		
EDITOR: Samuel Belk		

Neste número

- 1- David Edelstadt
- 2- De Tévyve, o Leiteiro- Um comentário
- 3 - Visões de Guerra de Lasar Segall
- 4- Mais alguns xingamentos
- 5- Nossa Biblioteca
- 6- Acervo de discos doAHJB
- 7- História do gueto de Veneza
- 8- O Percurso do Judeu

David Edelstadt

David Edelstadt nasceu na cidade de Kaluga, na Rússia, no ano de 1866. Seu pai serviu no exército russo durante 25 anos. Era costume naquela época, primeira metade do século XIX, durante o reinado do retrógrado imperador Nicolau I, sequestrar meninos judeus e obrigá-los a fazer o serviço militar durante 25 ou 30 anos. Calcula-se que seu número alcançou cem mil crianças das quais a terça parte foi convertido à força para o cristianismo (Estes meninos eram conhecidos como soldados cantonistas).

Edelstadt foi um dos primeiros poetas socialistas judeus, tendo começado a escrever poemas revolucionários sobre Rússia czarista. Depois do pogrom de Kiev de 1881, ligou-se ao movimento Am Olam, que se preparava para estabelecer comunas agrícolas nos Estados Unidos. Para lá ele embarcou aos dezesseis anos de idade, durante o processo de emigração em massa que começou em 1880, em decorrência dos *pogroms* e de fatores econômicos e políticos daquela época, na Europa Oriental.

Nos Estados Unidos, porém, ele foi trabalhar em fábricas insalubres e se aliou ao movimento anarquista que, na época, exercia grande influência entre os trabalhadores judeus. De 1889 a 1890 foi editor do semanário *A Voz do Trabalhador Livre* (*Fraie Arbeter Shtime*).

Main tzavoe (Meu testamento), *Mir Vern gehast un getribn*, (Nós somos odiados e expulsos), de David Edelstadt foram canções muito populares entre os trabalhadores que lutavam por melhores condições de trabalho, redução das jornadas de trabalho e, nos países da Europa Oriental, pelo fim do absolutismo e da opressão.

A canção *In Kamf*, (Em luta), escrita por Edelstadt na América, em 1889, transformou-se num hino dos judeus trabalhadores espalhados por todo o mundo, tendo sido posteriormente cantada nas escolas ídiche.

Litwak, o dirigente do Partido Trabalhista Bund, escreveu que a canção *Arbeter Froien* foi uma das primeiras e das mais populares canções da Rússia czarista. Ela foi cantada na greve de 1897 em Krinek, localidade situada perto de Grovno e em 1896/1897, igualmente, na cidade de Minsk. Mais tarde foi lembrada num musical da Off Broadway, na peça *The Golden Land*. Uma coletânea de seus trabalhos foi publicada em Londres, em 1910, e em Moscou, em 1935.

Com vinte e seis anos de idade, no ano de 1892, falecia vítima de tuberculose, na cidade de Denver, Colorado, David Edelstadt, um dos maiores poetas do movimento anarquista judaico, cujas canções se espalharam ao mesmo tempo pelos Estados Unidos e pela Europa. Ele se tornou uma lenda romântica do jovem movimento trabalhista judeu.

Edelstadt escreveu um poema para Pessach, *In dem land fun piramidn*, (No país das pirâmides), homenageando Moische Rabeinu, o redentor do povo judeu.

Assim ele se expressa no poema

No país das pirâmides
Havia um rei furioso e ruim,
Lá estavam os judeus
Seus servos, seus escravos

Crianças se emparedavam
Quando tijolos faltavam
Quem sabe quanto iria demorar
Esta terrível escravidão

Mas no país das pirâmides
Um grande herói existia
Que lutou pelos judeus
Com sua espada e sua sabedoria.

O rei os castigava pesadamente
O povo devia sofrer
Porque pouco entendia e
Pouca coragem tinha em seus sentimentos

Amassando barro e carregando tijolos
Construindo monumentos altos e suntuosos
Desde o berço até o túmulo
Era o escravo comparado a um cão

O herói também era único
Das pessoas livres de bom senso

Que o mundo apedreja
Ou o entrega ao verdugo

E quando fazem
Para a humanidade grandes favores
Mas no túmulo descansam
A humanidade lhes constrói monumentos

Este herói também entendia
Que o povo viverá mal
Enquanto dominarem os tiranos
E existirem amos e escravos

Os homens estão insatisfeitos
Enquanto arrastam a corrente
Mas ele libertou os judeus
Desta terrível escravidão

De Tévyé, o Leiteiro- Um comentário *

Berta Waldman**

Na última parte de Tévyé, o Leiteiro, o protagonista narrador envelhecido e viúvo é obrigado sair de sua aldeia natal com a família que lhe resta, expulso pelo conselho da cidade. A necessidade de se deslocar remete à referência bíblica *Lekh Lekho* também título do capítulo. Trata-se de uma alusão ao pacto de Deus com o patriarca Abrão e sua descendência, que inaugura a eleição do povo de Israel. Esse pacto encontra-se em Gênesis, 15 e 17, e promete ao ancestral judeu uma posteridade numerosa e a terra de Canaã para sua prole. A aspiração messiânica de voltar a Sião é transmitida de geração a geração e lembrada nas orações diárias, na leitura dos *Salmos* e nas comemorações festivas. Entretanto no texto de Scholem Aleikhem, a referência é também irônica, pois nele não é Deus que se manifesta e sim os inimigos dos judeus que expulsam o protagonista. Se é verdade que os judeus estão sempre retornando, presos ao bordão *ha-Shaná ha- Baá be- Ieruschalaim há-Benuiá* (O ano que vem em Jerusalém reconstruída), tentando sair de um não lugar, o exílio, para a terra da redenção coletiva de todo o povo, essa Jerusalém, entretanto, é etérea e simbólica, distinta da que hoje concentra, por exemplo, o conflito entre árabes e judeus. Se como ato de fé, a terra prometida não deixa de existir para os judeus, para Tévyé ela é uma viagem ao desconhecido.

A experiência de leitura da tradução de J. Guinsburg é algo como essa viagem. Depreende-se a partir dela que o texto de Scholem Aleikhem muda à medida que é traduzido e muda tornando-

se ele próprio aumentado e transformado por sua tradução. Ele é, enfim, um objeto em constante movimento. Por isso Jorge Luiz Borges, em outro contexto, pode ao mesmo tempo fazer uma fábula da impossibilidade da tradução em “A Busca de Averróis” e dizer que um texto é constituído do conjunto de suas traduções em “As Traduções de Homero” . Seu paradoxo vai mais longe: segundo ele, o texto não existe a não ser na medida em que nos é dado e a impossibilidade de reencontrá-lo pela tradução não é senão uma consequência de sua ontologia.

Ler *Tévyé o Leiteiro* de Scholem Aleikhem, pode parecer uma contradição com nosso ritmo de vida, que não conhece os tempos longos. Mas é bom lembrar, com Ítalo Calvino, que “é clássico aquilo que persiste como rumor mesmo onde predomina a atualidade mais incompatível”. E estamos diante de um clássico.

* Comentário apresentado pela professora Berta Waldman no livro *Tévyé o Leiteiro*, tradução do professor J.Guinsburg, lançado pela Editora Perspectiva S.A.

**Professora titular da FFLCH_USP

Visões de Guerra, de Lasar Segall

Em parceria com o Museu Lasar Segall, o Centro da Cultura Judaica realiza de 17 de maio a 12 de agosto, a exposição *Visões de Guerra*, de Lasar Segall. *Visões de Guerra* resulta de uma série de setenta e cinco desenhos aquarelados, que Lasar Segall deixou praticamente prontos para publicação, assim datados: 1940-1943. Trata-se de narrativa visual e sequência quase cinematográfica de imagens dramáticas, reveladoras de um dos momentos mais tenebrosos da insensatez na história da humanidade.

Tendo vivenciado a brutalidade da primeira guerra mundial na Alemanha, Segall desenha esse caderno já no Brasil, durante a Segunda Guerra Mundial. A partir de um jogo entre a memória daquilo que tinha vivenciado, cartas de amigos e parentes da Europa, e das notícias veiculadas pela imprensa, Segall faz uma dura crítica à incomplacência da guerra, retratando, sobretudo, o sofrimento e a debilidade humana diante do horror. A exposição conta também com diversas obras que dialogam com o caderno, como pinturas, esboços, desenhos e fotografias.

Um catálogo será lançado na ocasião da exposição. O Museu Lasar Segall, o Centro da Cultura Judaica e a Imprensa Oficial do Estado de São Paulo se associaram para a publicação inédita do caderno *Visões de Guerra*. O catálogo reúne os setenta e cinco desenhos expostos no Centro da Cultura Judaica e conta com três textos críticos, de Berta Waldman, Jorge Coli e Celso Lafer. É a edição completa e inédita da série *Visões*

de Guerra. Concomitante, ocorre também o lançamento do novo número da Revista 18, do Centro da Cultura Judaica, que tem como coeditor Michel Laub e aborda a temática da guerra a partir de perspectivas pouco usuais.

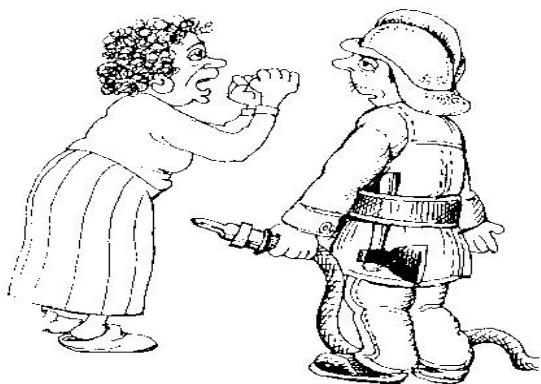
A exposição conta também com uma intensa programação paralela (encontros, aula show e pequena mostra de cinema) e atividades educativas. Entre as atividades haverá o lançamento do material educativo e uma programação especial para educadores, no dia 19 de maio.

Para mais informações ver o site do Centro da Cultura Judaica: www.culturajudaica.org.br

Mais alguns xingamentos

Do livro "Ouçamos somente boas notícias"

**Que um fogo inflame sua vida
Um fogo que te destrua
Que um fogo adentre em sua casa
Que arda um fogo em seu estômago**



Nossa Biblioteca

Lista parcial dos livros recebidos, deixados em testamento pelo professor Hans Borger, recentemente falecido:

The Holocaust and the Historians, de Lucy Dawidowicz; *Judenrat*, de Isaiah Trunk e outros; *A History of the Holocaust*, de Yehuda Bauer e Nili Keren; *Ethics in the Shadow of the Holocaust* de Judit Banki e outros; *The Story of Judaism*, de Bernard Bamberger; *A History of Israel*, de Howard Sachar; *A Social and Religious History of the Jews*, de Salo Baron e outros.

Acervo de discos do AHJB

Ao longo de seus mais de trinta anos o Arquivo Histórico Judaico Brasileiro recebeu doações e guardou inúmeros discos de vinil. Agora com a valiosa

colaboração do Centro da Cultura Judaica – CCJ pôde catalogar este acervo. No ano de 2011 foram identificados e catalogados 2.441 discos de 33 e 78 rotações, deste total, 1.124 eram duplicatas e 1.283 foram tombados. Os discos tombados foram catalogados e tiveram suas canções e intérpretes relacionados. Após a relação chegou-se a um total de 5.708 canções recuperadas nos 1.283 discos catalogados. Os discos tombados estão à disposição dos nossos pesquisadores, pois foram inseridos no banco de dados interno do AHJB e foram gerados, também, três documentos para consulta: Relação por Canções; Relação por número Tombo e Relação por Intérprete.

História do gueto de Veneza

A presença dos judeus no território da República Veneta é documentada a partir dos primeiros séculos da era vulgar. A república era chamada “*La Sereníssima*” e teve por séculos um papel fundamental no comércio entre a Europa e o Mediterrâneo oriental; no momento de sua máxima expansão territorial ela tinha conquistado uma grande parte do nordeste italiano, chegando a poucos quilômetros de Milão.

Em Veneza, grande centro de troca comercial entre oriente e ocidente, os judeus chegaram, conforme a tradição, nos inícios do século XI. Apesar da importância da atividade bancária e creditícia exercida pelos judeus, que era considerada usura e como tal rigorosamente proibida aos cristãos, as leis venezianas dificultavam aos judeus a residência no interior da cidade. Um exemplo disso é a grave crise financeira que, no final do século XIV a República Sereníssima de Veneza atravessava em consequência de uma longa guerra contra Genova, sua rival comercial. A crise chegou a afetar não somente os grandes comerciantes, mas também a população que necessitava de liquidez para os gastos imediatos. Os únicos com capacidades de proporcionar estes pequenos financiamentos eram os judeus e por tais razões Veneza decidiu autorizar a sua instalação na cidade.

Aos poucos, apesar do revezamento de licenças e proibições de residência na cidade, os judeus tornaram-se um núcleo considerável. Sentindo a necessidade de organizar a presença judaica, o governo da República, com um decreto lei de 29 de março de 1516, estabeleceu que os judeus tinham que morar em um único lugar da cidade, usar um sinal de identificação e sujeitar-se a muitos outros oneres pesados. Além disso, o governo obrigou os judeus a gerenciar bancos onde se emprestava sobre penhor com taxas estabelecidas pela *Sereníssima*. O lugar que foi adaptado para a residência dos judeus era um bairro separado, que foi chamado *ghetto*, gueto, no qual residiram, até 1796, grupos de judeus diferentes: alemães e sefaraditas da península ibérica e orientais. Estes grupos chamavam-se respectivamente *Nazione (Nação) Tedesca*, *Nazione Levantina* e *Nazione*

Ponentina. No começo estes grupos não se misturaram, mantendo cada um seus próprios usos e costumes, rituais e sinagogas ou *scolas*, como eram chamadas em veneziano.

A palavra gueto em Veneza tem uma origem peculiar. O gueto era de fato um conjunto de edifícios e lugares de trabalho, de propriedade do município, onde existia a *fundição pública do cobre*. O nome gueto vem do veneziano “*geto*”, significando a “*caída*” do cobre fundido que descia, seguindo determinados meios de distribuição, dirigindo-se para lugares apropriados conforme sua utilização. Ao redor da fundição existia um grupo de casas, cerca de vinte e cinco, que com o aumento da população judaica, cresceram em altura. O gueto era fechado durante a noite enquanto guardas cristãs percorriam de barco os canais ao redor para impedir eventuais saídas noturnas dos judeus. Nasceu assim o primeiro gueto da Europa.

Embora os judeus fossem obrigados a viver em um bairro vigiado, este não tinha nada que ver com os guetos do século XX. De fato a palavra gueto é uma palavra que hoje se costuma associar aos bairros do Leste Europeu, como os de Varsóvia, Lódz e de tantas outras cidades. Foram nestes que, durante a 2ª Guerra Mundial, os alemães aprisionavam os judeus antes de enviá-los aos campos de extermínio.

As sinagogas do gueto veneziano foram construídas entre a primeira metade do século XIV e a metade do XVI pelos vários grupos étnicos. Surgiram assim as *Scolas Ashkenazitas Tedesca e Canton*, a *Scola Italiana*, as *Scolas Sefarditas Levantina e Espanhola*. Conservadas intacta, apesar de algumas intervenções posteriores, estas sinagogas testemunham o valor do gueto de Veneza cujas altíssimas casas, demonstram quanto fosse aumentada através dos anos a densidade da população.

Em 1797, depois da queda da *Serenissima*, por obra de Napoleão Bonaparte, foi decretado o fim da segregação e a equiparação dos judeus aos outros cidadãos; tal disposição tornou-se definitiva com a agregação de Veneza ao Reino da Itália em 1866.

No ano de 1938, quando foram promulgadas as leis raciais fascistas, os judeus foram privados de seus direitos privados e civis e iniciaram a perseguições nazi-fascistas que em Veneza levaram à deportação de 246 judeus venezianos: destes somente oito voltaram dos campos de extermínio.

O Percurso do judeu

Léa Vinocur Freitag

Há uma canção, *Dos Idish Lid*, que descreve o estado de espírito do judeu nas diversas festas do ano - a música é de Shalom Secunda e a letra, de

Anshel Schorr. O texto é dramático e revelador, mostrando o ceticismo e a amargura do judeu, face ao destino histórico:

“O judeu pode ser pobre, no entanto ele é muito rico,
Porque tem tesouros espirituais em quantidade.
O judeu é paciente, sua esperança é grande.
De um forno incandescente ele sai com vida,
Chamam-no filho de rei, importante, ricoço,
E cada país fecha-lhe a porta.
Ele implora e chora, não aguenta mais,
Mesmo sua risada é misturada com uma lágrima.
Acontece que às vezes as coisas lhe correm bem,
Imediatamente o lembram de que é judeu,
E dão-lhe novamente uma bengala na mão,
E ele procura um novo país.
E vem um novo ano, e enquanto todos os povos
Cantam e dançam até a exaustão,
O judeu em *Rosh ha-Shaná* senta-se no *shil* com fé
E ouve do seu *chazan* uma outra canção:
“Eu sou pobre de realizações,
Inquieto e assustado pelo temor,
Vão voltar as glórias de Israel,
Cheguei e implorei diante de Ti
Pelo povo de Israel, que me mandou.”
Hoje, *Yom-Kipur* à noite, entrarai no *shil*
E lá ouvireis o *chazan* cantar com todo o sentimento:
“Que até o próximo *Yom-Kipur*
Tudo de bom aconteça.
Porém ocorre às vezes
Que Israel também está contente
E ele canta alegre, sem medo,
Quando chega *Simchát-Torá*:
“Alegrai-vos, alegrai-vos no dia de *Simchát-Torá*
e honrai a *Torá*.
Que é mais valiosa que qualquer mercadoria,
Mais cara que ouro e pérolas.
Nós vamos nos alegrar com esta *Torá*,
Ela é para nós força e Luz,
Alegrai-vos, alegrai-vos no dia de *Simchát-Torá*.”

Colaboradores

Myriam Chansky, Maria Theodora Barbosa, Fábio Zuker, Anna Rosa Bigazzi, Simão Frost, Léa Vinocur Freitag, Lucia Chermont, Rebeca Belk, Nancy Rozenchan, Berta Waldman, Sueli Epstein, e Hadasa, Cytrynowicz(correspondente de Los Angeles).

Arquivo Histórico Judaico Brasileiro

Presidente: Mauricio Serebrinic

Rua Estela Sezefreda, 76- Tel. 3088-0879 / 2157-4121

E Mail: ahjb@ahjb.org.br

Site: www.ahjb.org.br